

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.707

Sexta-feira, 19 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Cembre, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

A consciencia colectiva do povo

italiano acaba de vibrar um profundo

golpe na ditadura criminal de Mus-

solini!

A APREENSÃO É UMA COBARDIA

Chamem-nos aos tribunais!

Ontem, no parlamento, como o presidente do Senado cortasse a palavra ao sr. Ribeiro de Melo, quando este falava sobre a apreensão de A BATALHA, o referido senador exclamou altivamente:

---“Não posso falar. Tenho de me sujeitar ao regimento da câmara, até um dia em que entre aqui de armas na mão para expulsar os vendilhões do templo!”

---“Não é--disse o senador dr. sr. Joaquim Crisóstomo--mandando fusilar pela polícia cidadãos presos e desarmados e apreendendo jornais que representam as verdadeiras correntes de opinião democrática que se consolida a república e prestigia o regime!”

Sá Cardoso, ministro do interior, administrador e accionista duma companhia que explora os operários, falsifica assinaturas, rouba o Estado e intruja a Caixa Geral dos Depósitos!

A escandalosa apreensão de A Batalha continua a causar ruído no parlamento. Só num país onde a ausência completa de brio amolecesse o espírito de revolta ante uma injustiça, tal não aconteceria. Admiramos apenas que na Câmara dos Deputados, não haja alguém de consciência, que não diremos como deputado, mas como homem--levantasse altivamente a sua voz contra uma arbitrariedade que está atngendo em cheio a liberdade de pensamento.

Ontem o sr. Ribeiro de Melo que havia prometido em plena Câmara não largar o caso de mão enquanto não fosse esclarecido sobre o motivo da apreensão de A Batalha, principalmente o número de domingo, voltou, antes da ordem do dia, a agitar o assunto.

Não estava presente o ministro do Interior. Isso não impedia, porém, que o sr. Ribeiro de Melo atacasse energicamente o governo pelo facto de mandar apreender A Batalha que relata os crimes praticados pela policia nos Olivais. Considerava arbitraria a perseguição a Batalha, jornal de operários. Fez notar que era necessário haver mais consideração por um jornal que não se bandeia com a Finança, nem com os potentados industriais que arruinam o país. Frizou ainda que este jornal representava a opinião daqueles que em Monsanto salvaram a república expondo o seu corpo às balas.

Referindo-se à acção da policia do sr. Sá Cardoso e não da república porque, a policia da república não podia proceder duma forma tão infame, disse que era necessário esclarecer bem os factos.

A matéria que A Batalha do domingo passado inseria não a achava ofensiva para as instituições e pediu licença à Câmara para ler um exemplar que possuia.

Quando, porém, ia iniciar a leitura de A Batalha, o presidente interrompeu-o, alegando que se havia esgotado o tempo de antes da ordem do dia. Esta interrupção, repassada de má-fé, causou grande indignação.

Choveram protestos indignados.

O sr. Procópio de Freitas gritou:

—Fale! Fale!

O dr. sr. Joaquim Crisóstomo distinguio-se também nos protestos.

Então o sr. Ribeiro de Melo, vendo a impossibilidade de continuar falando, promete voltar a levantar a questão, que considera gravíssima e termina o seu discurso, exclamando:

---Não posso falar. Tenho de sujeitar-me ao regimento da Câmara até um dia em que entre aqui de armas na mão para expulsar os vendilhões do templo!

A atitude do sr. Sá Cardoso, ministro do Interior, tem sido tam desastrosa, reveladora duma mentalidade tam tacanha, [que não virá longe o dia em que os seus

próprios erros o façam cair. A sanção do crime dos Olivais, a apreensão sistemática de A Batalha e a projectada deportação de operários que, obedecendo de certo a malévolo pensamento reservado, ainda não teve a ombridade de desmentir, vão aumentando o volume das suas tremendas responsabilidades.

Sobre todas estas questões também ontem no Senado, o dr. sr. Joaquim Crisóstomo fez considerações criteriosas, que gostosamente arquivamos.

Referiu-se aquele senador à noticia publicada em alguns jornais, em que se dá como certo, que o governo tenciona deportar para o Funchal os operários presos a fim de ali serem julgados por delitos sociais, e também António Canha, em virtude, diz-se, da cobardia dos jurados de Lisboa.

Declarou o dr. sr. Joaquim Crisóstomo que não acreditava que essa noticia fosse verdadeira, atenta a violência que representava. Em seu entender o governo é obrigado a respeitar a lei, e desde que a infrinja, coloca-se na situação de sofrer-lhe as consequências, arrastando o país para a desordem. Enquanto predominar, como até hoje, o arbitrio e o capricho ministerial, que permitem às grandes empresas comerciais e industriais explorar o operariado e sugar o Estado, torna-se impossível sufocar o espírito de revolta, que neste momento domina o povo português. Urge enfrentar o problema do custo da vida sem o que não há medidas preventivas nem repressivas que detenham a marcha dos acontecimentos no sentido revolucionário. Sempre ouviu dizer que «quem me avisa meu amigo é», e por isso aconselhava o governo a reflectir e a mudar de rumo, procurando minorar a triste situação das classes menos abastadas.

—Não é--exclama o orador--mandando fusilar pela policia cidadãos presos e desarmados e apreender jornais que representam as verdadeiras correntes de opinião democrática que se consolida a república e se prestigia o regime!

O orador espera que o governo da presidência do sr. Alvaro de Castro, que viveu uma vida atribulada e que se encontra no estertor da agonia, «saiba morrer» já que não soube cumprir a sua missão e só existiu para agravar a crise económica e financeira nacional.

Estas cousas que atrás se leem, disseram-se em pleno parlamento e nem o sr. Ferreira do Amaral, nem o illustre agente «Sebento», respectivamente braço direito e osquendo do sr. Sá Cardoso, correram a tapar a boca aos senadores que, com muita justiça, as proferiram.

A frase, plena de revolta, com que o sr. Ribeiro de Melo fechou o seu discurso, perfilhmo-la inteiramente. E' preciso, de facto, expulsar os «vendilhões do templo». Esses vendilhões, porém, não se encontram apenas em

São Bento, estão por toda a parte e são a Moagem que o ministro da Agricultura protege descaradamente com decretos favorecendo o aumento do preço do pão; os Bancos que devem quantias fabulosas ao Estado e nunca mais as pagam; os ministros que, dando o braço a companhias desonestas, ainda tem o descaramento de lançar a policia sobre o povo roubado, assassinando, prendendo-o e pensando até em deportá-lo.

Os vendilhões que vendem a pele do povo a quem mais dá, precisam ser desmascarados, trazendo para as colunas da imprensa honesta e ativa as suas «crónicas» nojentas para que os seus nomes fiquem para sempre amarrados ao pelourinho da História.

A Batalha é perseguida, é apreendida, é ameaçada de assalto e os seus redactores ameaçados de morte, porque não cala esses crimes, essas immoralidades; porque ataca de preferência os maiores, os que mais graves responsabilidades tem no descabro em que tudo isto resvalou.

Esses que nos amordaçam, como o ministro do Interior; esses que desejam a deportação de inocentes; esses que aplaudem crimes sangrentos e bárbaros como o dos Olivais, são os piores, são os que não tem autoridade moral para nos tocar, são os que não tem a consciencia tranqüila porque sabem o mal que tem feito, e temem a existencia de quem possui o desassombro e a coragem de pôr-lhes a nú as chagas purulentas.

Um dos que previeram, um dos que tem contribuído para aumentar a desordem que depois quer reprimir perseguindo precisamente as victimas, dizemo-lo aqui corajosamente, é o sr. Sá Cardoso.

Lembra-se o sr. Sá Cardoso de ter sido convidado para exercer as funções de administrador da Companhia de Cal e Cimentos da Raseca, em Setúbal? Lembra-se. Tanto que se lembra que aceitou o convite.

Aceitou, sendo nessa altura presidente da Câmara e militar, com o ordenado de mil e com escudos mensais. Aceitou ainda, para que a sua nomeação tivesse foros de legalidade, o empréstimo de dez acções da mesma Companhia, empréstimo que foi feito até--lembra-se?--pelo grande capitalista Manuel Vicente Ribeiro.

Enfim, a vida são dois dias e é preciso aproveitá-los bem. Por isso, o sr. Sá Cardoso entendeu que o seu prestigio e a sua honestidade não perigavam, ombreado com um dos maiores ladrões que dentro dessa Companhia é o «quero, posso e mando». Dou o braço ao sr. Baltazar Cabral um dos maiores accionistas da referida Companhia, do Banco Ultramarino, da escandalosa Companhia dos Diamantes, da Companhia do Nyassa, etc., etc., etc.. Não quiz saber o sr. Sá Cardoso se essa Companhia de cimentos presava os seus operários, nem

inquiriu dum caso de falsificação de assinaturas que a mesma havia feito para intrujar o Estado.

E' claro, que o sr. Sá Cardoso também não sabia que essa Companhia tivera, em 1922, um lucro de 801.284\$10,9 e que denunciou ao Estado apenas 155.896\$47,2, burlando o país e furtando-se ao pagamento dos impostos que recaíam sobre tam fabuloso ganho.

Também o sr. Sá Cardoso ignorava o motivo por que lhe fizeram tam estranho convite, que aceitou?

Nós elucidamo-lo. E' que o sr. Baltazar Cabral, a despeito de ter embolsado, só à sua parte, em lucros, a quantia de 213.480\$00 queria, fazendo passar por pobre essa companhia rica, obter um empréstimo na Caixa Geral dos Depósitos. E o nome, o prestigio, a influencia do sr. Sá Cardoso servia para essa repugnante transacção. Baltazar Cabral queria um empréstimo de 300 contos, entretanto, o sr. Sá Cardoso conseguiu obter 200 contos, que foram entregues em Agosto do ano passado.

E quando o sr. Sá Cardoso foi negociar esse empréstimo, não sabia que já no ano anterior a mesma companhia arrancara à Caixa Geral dos Depósitos cerca de 200 contos, dos quais só pagara metade...

São assim os homens que nos governam! admira, pois, que eles, solidários com a Moagem, com todos os potentados exploradores, temam que A Batalha circule? Terá o sr. Sá Cardoso ainda um pouco de coragem e uns restos de lealdade para não impedir a expansão dum jornal que diz a seu respeito verdades duras?

O sr. Sá Cardoso não hesitou em fazer parte duma companhia que mandou à guarda republicana sovar os seus operários, quando estes se lançaram numa greve por aumento dos seus salários miseráveis!

O sr. Sá Cardoso foi negociador, para uma Companhia que teve mais de 800 contos de lucro, um empréstimo de 200 contos na Caixa Geral dos Depósitos!

O sr. Sá Cardoso ligou-se, dentro duma Companhia, desonesta, a indivíduos que falsificaram uma assinatura!

O sr. Sá Cardoso entrou sem pejo para uma Companhia que burlou o Estado furtando-se a pagar os impostos que devia!

O sr. Sá Cardoso, coronel, ex-presidente da Câmara, ministro, fez parte duma Companhia que burlou o Estado, falsificou assinaturas, mandou sovar operários e intrujou a Caixa Geral dos Depósitos.

E é este o homem que, guindado pelos acasos da politica às alturas de ministro do Interior, se permite encarcerar operários, perseguir um jornal honesto como A Batalha e aparecer sorridente no parlamento, como se não tivesse a pesar-lhe na consciencia o crime tremendo de ter ajudado a fomentar a miséria do povo, e a ruína do Estado de que se diz defensor!

É FARTAR!...

O bodo á Moagem!

Decreta-se um aumento de 40 centavos em cada quilo de pão para favorecer os moageiros, que vão para Paris--fugindo às responsabilidades dos seus crimes

O sr. Joaquim Ribeiro recuou no seu propósito de realizar em menos de 7 dias, dois aumentos de preço do pão, em benefício exclusivo da Moagem e em exclusivo prejuizo dos consumidores, sem esquecer algumas rasãoáveis e compensadoras migalhas para os industriais de panificação.

O escândalo era grande, a perspectiva de lucro da Moagem era estuenda.

Dissemos que o sr. Joaquim Ribeiro recuou, Decerto. Mas a intenção é tudo, admitindo que a intenção não tivesse valor, nada representasse, o sr. Joaquim Ribeiro não escaparia da acusação de sua amizade que é uma complicidade com a Moagem. E, como poderia escapar, se a sua amizade e a sua simplicidade, com a Moagem estão cimentadas em bases sólidas e inabaláveis? A amizade quando é uma complicidade torna-se um laço impossível ou, mais impossível de desatar. Separar o sr. Joaquim Ribeiro da Moagem implicaria terem se moralizado os processos que governam. E essa moralização, também impossível, pois cotidianamente os governos se refinam na prática de escândalos evidentes e de immoralidades tremendas.

Os governos tem por função, não antelar os interesses dos consumidores mas desprez-los, tornando o «Diário do Governo» não o jornal oficial

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas

Hoje, pelas 21 horas, os drs. Campos Lima e Sobral de Campos, dão consultas jurídicas, a todos operários confederados que delas necessitem, devendo os interessados apresentar as suas cadernetas confederais em dia.

teria a coragem de dizer quanto lhe deu a ganhar esse seu grande amigo que é seu dedicado cúmplice. Difícil seria impossível se torna sabê-lo pois ela mantém no maior segredo os seus lucros, pois às suas assembleias só um número restrito de grandes accionistas pode assistir. Difícil sendo impossível pois a Moagem faz toda a espécie de «trus» e «falcaturas» com a sua escrita, afim de não alarmar o público, de burlar o Estado e ludibriar os accionistas que não possuem os maiores capitais.

Não é ousado afirmar que o sr. ministro da agricultura tem sido para a Moagem uma espécie de galinha dos ovos de ouro.

Os consumidores vão pagar caro estas generosidades, passando a custar-lhe a 2880 cada quilo de pão de 1.º Como o Grandeão, o sr. Joaquim Ribeiro, sempre por bom caminho e segue--ou não--estivemos nós vivendo na mais admirável das democracias.

Pela portaria que hoje deve ser publicada no «Diário do Governo» o pão de 2.º custará 1880 e 2880 o de 1.º O pão de 1.º que é da mesma farinha do de 1.º custa inexplicavelmente 3220 o quilo e com a agravante de só ser pesado a partir de dez pãesinhos...



Giacomo Matteotti

O rapto do deputado Matteotti assassinado pelos fascistas que foi praticado em pleno dia, num ponto bastante concorrido de Roma, demonstra a poderosa força que o banditismo [mussolinista] dispõe.

O cadáver de Matteotti não foi encontrado em nenhuma das pesquisas efectuadas pela policia.

Mussolini, diante da grande indignação que este bárbaro crime provocou a indignação que o proletariado, em vários pontos de Italia, está exteriorizando duma maneira concreta, abandonando o trabalho, tem procurado alijar as responsabilidades deste crime nefando. E' inútil todo o esforço que ele faça para afastar o sangue e ódio que jorram deste atentado odioso. Mussolini, cimentou o seu triunfo, tornou-se ditador, educando milhares de homens a assassinar os que divergissem do perido de nefandaria que ele premeditava inaugurar.

A AGONIA DO FASCISMO

O povo cobre de flores o local onde o deputado Matteotti foi raptado
A politica de violência estrebucha!

crim.Durou dois anos o seu incitamento ao crime. Os bandos de assassinos fascistas subsidiados pela burguezia capitalista, os grandes proprietários e os grandes industriais, destruíram todos os sindicatos, cooperativas e associações de cultura, cobardemente, com a certeza da maior impunidade. Mussolini pretendia, desde que se firmou no governo, arvorar estes assassinos em mantenedores da ordem. O resultado da preponderância destes assassinos está patente.

Os próprios jornais fascistas prepararam o atentado. Merece lêr-se este trecho dum artigo do *Popolo d'Italia*, jornal fundado pelo próprio Mussolini, dias antes da morte de Matteotti:

«O deputado Matteotti usa na sua actividade anti-fascista a aspezeza especial do ódio pessoal e percorre o país no intuito de organizar complots sob o nome falso dum subdito inglês e vai ao estrangeiro difamar o fascismo e a Italia nos congressos dos partidos socialistas dos outros países.

Ora na nova câmara este especulador do socialismo tem assumido o papel de agente provocador.

Quem fez o papel de agente provocador foi o *Popolo d'Italia* como os acontecimentos o demonstraram.

Outro facto demonstra mais exuberantemente a culpabilidade da imprensa fascista. O director do grande jornal fascista *Corriere Italiano* pediu, depois

piiedade e encorajamento bem como repulsa pelo crime praticado.

O ambiente é cada vez mais desfavoravel aos fascistas

ROMA, 18.—Tem havido grande movimento de pessoal nas repartições politicas do ministério do interior e nos altos cargos da policia, tendo-se procurado pôr à frente desses serviços pessoas de comprovada energia para que se descubram os raptadores ou assassinos do deputado Matteotti.

Em várias cidades italianas tem continuado a agitação a favor e contra o sr. Mussolini.

Os jornais dedicam longos artigos ao desaparecimento do sr. Matteotti verbalizando este crime politico. Os jornais da opposição aproveitam-se da oportunidade para fazer uma campanha tenaz contra Mussolini e o fascismo. Como a agitação é grande e se propaga por toda a Italia os fascistas ordenaram a mobilização geral da sua milicia, tendo vários dos seus dirigentes declarado que reprovam absolutamente o acto cometido contra o sr. Matteotti, nenhuma solidariedade mantêm com os seus autôres mesmo que eles fossem seus partidários, mas que o fascismo nada tendo que ver com esta questão está disposto a resistir enérgicamente contra todos aqueles que aproveitando-se dela queiram lançar a perturbação na Italia.

Uma manifestação anti-fascista

ROMA, 18.—Uma enorme multidão dirigiu-se ao local onde foi raptado o deputado Matteotti, cobrindo-o de flores.

Mussolini luta contra a onda

ROMA, 18.—O sr. Mussolini declarou na Câmara dos Deputados recusar-se a discutir uma proposta apresentada pela opposição relativa à dissolução da

Teatro Nacional

AMANHÃ
Inauguração da
época
de verão
com o pito-
resco drama

de DECOURCELLE

Os dois garotos

O ESCÂNDALO DA MARINHA GRANDE

Os industriais maneando na sombra influem para que
seja reafirmada a Fábrica Nacional a regalia das lenhas

Quando tudo fazia crer que, para bem de todos, os artigos aqui publicados acerca do projectado assalto à Fábrica Nacional de Vidros da Marinha Grande tinham desfeito os planos tenebrosos duma quadrilha de políticos, negociantes, negreiros e gatuões — os industriais de Marinha Grande, deixando enfim, a sombra em que têm agido, apparecem a tomar a responsabilidade tremenda duma atitude de odio e de infâmia, qual a de pedir ao governo a prática dum roubo, para satisfação, apenas, de vinganças pessoais.

O escândalo da Marinha Grande, designação sob que passará a história esta tentativa de saque igual a tantas outras que foram levadas a efeito por a tempo não terem sido denunciadas ao olhar público da nação, revelou uma boa caterva de especuladores sem escrúpulos, parecendo-nos que todas as pessoas de bem deviam ter o bom senso e o higiénico cuidado de se afastar do nauseabundo lamagá para não ficarem atascadas, a menos que prefiram ser incluídos no número dos participantes da criminosa conspiração que é como quem diz — da corja que há de sentir o nosso chibote a arroxear-lhe as carnes.

Os industriais da Marinha Grande, mediante uma representação que é um documento inferioríssimo mental e moralmente considerado, solicitaram do governo a extensão dos 15.000 esteres de lenha que legitimamente pertencem à Fábrica e que nunca causaram o mais leve incômodo aos honrados fabricantes de vidro quando os usufruíram empresas que com as direcções das outras fábricas mantinham as melhores relações para todos os efeitos, incluindo o da fixação dos preços do vidro e o da destruição de todas as dependências do estabelecimento do Estado.

Assombra tamanha audácia dos industriais, que reconhecemos não terem nada que ver com o assalto preparado, mais que dele querem tirar todas as vantagens.

E ainda por cima, eles, os ex-operários vindictivos não se dispõem de lançar as mais torpes insinuações sobre a obra dos seus antigos camaradas de profissão, sem quererem ver que os operários da Fábrica Nacional, iniciando a laboração duma habitação de oficinas complicadas com um capital efectivo de 8 contos, fizeram o que eles nunca saberiam fazer, porque a obra realizada excede em esforço, em boa vontade, em entusiasmo tudo quanto é lícito supor.

Os signatários do papelucho começam por se insurgir contra a actual organização da Fábrica da Marinha Grande e acabam por afirmar que dela resultará fatalmente o aniquilamento das restantes fábricas e, consequentemente, a miséria de milhares de famílias.

Isto lê-se e não se acredita. Ainda não há muitos anos que a única fábrica de vidros da Marinha Grande era a Nacional, que sempre recebeu a lenha, como é lógico, por isso que ela é muitíssimo sua. Pois a pesar do perigo que o glorioso estabelecimento fabril representa, não deixaram de se construir umas 20 fábricas, duas ou três das quais começaram há meses a funcionar, tendo alguns industriais feito fortunas em poucos anos, de milhares de contos!

Os industriais deram a maior publicidade à representação, certamente porque nenhum operário das suas fábricas deixasse de conhecer as intenções generosas dos patrões que vem ter as lenhas pelo lado das famílias dos seus empregados, apontando-lhes ao mesmo tempo o perigo constituído pelos camaradas da Fábrica Nacional.

Haverá, porventura, algum vidreiro que acredite na amizade dos industriais, sabendo que enquanto estes rebenham de riqueza, ele, no fim duma vida de trabalho honesto se vê obrigado a estender a mão à caridade?

As famílias dos vidreiros passam fome muitas vezes, mas os industriais gostam a larga, viajam de automóvel, vivem em prédios majestuosos, cheios de conforto.

Milícias Fascistas recusando também qualquer debate sobre modificações na lei eleitoral ou sobre a necessidade de novas eleições imediatas.

O grande comité fascista, com sede em Roma convidou o governo a afastar de si colaboradores suspeitos.

Concentração de forças fascistas

ROMA, 18. — A concentração nesta cidade de numerosas forças da milícia fascista de todas as províncias, tem dado lugar a toda a espécie de boatos, dada a coincidência da sua chegada com o incidente provocado pelo rapto do deputado Matteotti.

O governo publicou uma nota oficial afirmando que os ânimos e na qual explica que as legiões fascistas vêm constituir a guarda de honra ao príncipe da Abissínia e que retirarão da capital imediatamente a partida do real visitante.

Na "Voz do Operário"

A visita do ministro do trabalho
e uma voz discordante . . .

O ministro do Trabalho fez ontem uma visita ao edifício da sociedade «A Voz do Operário». Essa visita causou certa estranheza entre alguns dos sócios auxiliares. O ministro foi ali a convite da comissão administrativa num momento em que sobre esta impendia uma sindicância aos seus actos ordenada pelo governador civil do distrito e a pedido de 95 sócios auxiliares. O governador civil deu o seu despacho, verificando o resultado da sindicância, permitindo a comissão administrativa e nomeando outra. Porém, os documentos relacionados com essa sindicância transitaram para o ministro do trabalho e até hoje o respectivo titular não fez caso do que se passou, não ligou importância ao que foi apurado pela autoridade superior do distrito.

Entretanto a mesma comissão administrativa convidou o ministro do trabalho a visitar o edifício, e o sr. Lima Duque lá foi ontem.

Esperavam-no os corpos gerentes e alguns empregados. Mostraram-lhe as aulas dos dois sexos, a tipografia e todas as outras dependências.

No final ofereceram-lhe, e ao séquito, champagne e bolos. O sr. Lima Duque, usando da palavra, congratulou-se pela obra de «A Voz do Operário», fazendo votos porque ela nunca se desvie das suas bases fundamentais, procurando separar o trigo do joio de maneira a ser útil aos trabalhadores e à pátria.

Falaram os srs. Gomeiro, que agradeceu a visita em nome dos corpos gerentes, e Fernandes Alves, pela redacção de «A Voz do Operário», que aproveitou a ocasião para reclamar do ministro no sentido de que seja dado o voto às mulheres na instituição Liga Pró-Moral, pois, sendo constituída na sua maioria por senhoras, quando foi da aprovação dos estatutos o governador civil entendeu que devia ser alterado artigo em que se dá direito às mulheres para elegem e serem eleitas na cidade colectivamente, o que não está de harmonia com as ideias de emancipação.

O ministro declarou fazer parte da sua bagagem o desejo de dar a mais ampla liberdade a casos dessa natureza, porque sempre foi um espírito liberal.

José Maria Gonçalves, em nome dos sócios auxiliares, fez sentir ao ministro a necessidade de serem remodelados os estatutos da Sociedade «A Voz do Operário».

A APREENSÃO DE A BATALHA

Uma sessão de protesto no
sindicato dos empregados
de escritório

A direcção deste sindicato, reunida ontem, resolveu realizar amanhã uma sessão de protesto contra as intoleráveis apreensões de «A Batalha», devendo fazer-se representar a C. G. T.

Uma sessão de protesto no Centro Comunista Libertário do Porto

Hoje, no Centro Comunista Libertário do Porto, sito à rua de Entrepremeiros, 33, 1.º, realizou-se uma sessão de protesto contra as perseguições ao proletariado, a estúpida apreensão de «A Batalha» e os nefandos fusilamentos praticados nos Olivais.

A esta sessão, em que usou da palavra vários propagandistas revolucionários e militantes operários, devem assistir todos os trabalhadores manuais e intelectuais, todos os homens que, sendo moralmente sãos, sabem render à liberdade o culto que lhe é devido.

Em Beja reina indignação pelas perseguições ao nosso jornal

BEJA, 10. (Atrasado). — Nesta cidade, onde tem sido seguidas com muito interesse as campanhas moralizadoras de «A Batalha», nota-se uma incontida indignação contra as liberticidas perseguições de que está sendo vítima o nosso jornal.

Não só entre o operariado essa indignação se constata. Muitas pessoas de outras categorias sociais manifestam o seu protesto contra os vis processos a que recorrem as autoridades para fazerem calar a voz da Verdade, não hesitando assim em servirem os baixos interesses dos potentados que estão arruinando o país.

Alguém alvitrou que toda a gente limpa, especialmente o operariado, contribui com o custo de cada exemplar apreendido para que o incorruptível paladão dos direitos do novo trabalhador não deixe, por dificuldades financeiras, de prosseguir na sua nobilíssima missão.

A organização operária local perfila com o maior entusiasmo a tarefa alvitada, tendo já em seu poder as quantias de 13500, correspondente a 45 exemplares apreendidos em 1 do corrente, e de 3500, correspondente a 12 exemplares apreendidos no dia 3.

A assembleia geral do sindicato dos manipuladores de pão, protestou contra as perseguições a «A Batalha» e resolveu secundar qualquer movimento que os organismos centrais levem a efeito para se obter a que prosseguir a insuportável tirania que pesa sobre a organização operária.

Festa de solidariedade

Uma comissão de metalúrgicos leva a efeito uma festa em auxílio dos operários metalúrgicos presos por questões sociais, na sede do sindicato, R. da Esperança, 204, 2.º, onde se encontram bilhetes desde as 18 às 23 horas, todos os dias, com o programa seguinte:

Concerto musical pela tropa familiar «Os Bichinhos»; «A Ceia dos Pobres», pela tropa dramática Carlos Harris; Cação nacional com o concurso do Grupo dos Propagadores do Fado; variação do fado pelo amador Adão da Silva, acompanhado à viola por António Piadouro; canções por Carlos Ribeiro e José Ribeiro.

São Carlos
— Telefone C. 3063 —
HOJE — Às 9 1/2 (21,30 da noite)
Récita da moda
«Reprise» da vibrante peça de Bernstein
DEPOIS DE MIM...
(APRÉS MOI...)
Admirável trabalho de Lucília Simões
com Erico Braga

Não há locação — Frisas e Camarotes, 4500, 5000, 2000 e 1200; Fauteuils, 9000, e Varandas, 2500.

Na cadeia de Évora

Os presos estão sujeitos a uma desumana situação

Da cadeia de Évora escrevem-nos o recluso Manuel Marques queixando-se de que, tendo sido condenado a 28 anos de prisão e encontrando-se na cidade cadeia há já dois anos, ainda lhe não foi distribuída uma manta e se vê obrigado muitas vezes a deitar-se sobre os ladrilhos do cárcere por falta de cama.

Há dias uma sentença insultou os presos e como estes se queixassem do facto, o carcereiro quiz agredir um deles.

O criado que procede à condução do rancho, quando este se entorna apinhado do solo com as mãos deitados de novo nas latas, respondendo aos que reclamam contra semelhante porcaria que «se o não quiserem não o comam».

Os presos não têm mantas, nem estufas e não podem cuidar da mais rudimentar higiene por falta de baldes, vassouras e espretores.

POR ESSE MUNDO FORA

RUSSIA

Um novo calendário

RIGA, 18. — A Repartição Central do Trabalho dos Soviéticos fez propagar o seu novo plano de calendário do proletariado. O ano terá também 12 meses cada mês seis semanas e cada semana 5 dias sendo o quinto considerado feriado.

Em compensação o dia de trabalho será elevado a 9 horas.

Negociações com a Dinamarca

COPENHAGUE, 18. — As negociações entabuladas em Londres entre o ministério dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca e o sr. Litvinoff, delegado russo deram em resultado a resolução de breve reconhecimento de «Jura» do regime dos soviéticos da Dinamarca.

O patriarca Tichon

MOSCOW, 18. — O governo dos soviéticos ordenou o internamento do patriarca Tichon num mosteiro de Petrógrado.

Moeda para os Soviéticos

LONDRES, 18. — A Casa da Moeda está cunhando 40.000.000 de rublos de prata que vão ser enviados para a Rússia. A moeda foi cunhada mediante autorização da Tesouraria Inglesa mas com a condição do custo da cunhagem e da prata serem pagas adiantemente.

ALEMANHA

Fábricas que fecham

BERLIN, 18. — O «Deutscher Allgemeine» anuncia o próximo encerramento de várias fábricas no Ruhr.

Comentários à política francesa

BERLIN, 18. — Os jornais desta cidade comentam a declaração do novo chefe do governo francês, a qual faz prever uma decepção em vista das novas condições impostas por Herriot para a evacuação do Ruhr. Apenas o «Vorwärts» se declara plenamente satisfeito ao passo que o «Berliner Tageblatt» diz que a amnistia prometida não corresponde ao pedido da Alemanha que deseja ver em liberdade todos os seus prisioneiros sem excepção alguma.

O «Loi Anzeiger», diz que o sr. Herriot se utiliza da mesma retórica do sr. Poincaré e que a mensagem do sr. Doumergue proclama as mesmas ideias sobre política externa.

AFRICA DO SUL

O general Smuts vencido nas eleições

CIDADE DO CABO, 18. — A campanha eleitoral na África do Sul resultou numa derrota para o governo. Os resultados até agora apurados dão ao partido sul-africano 22 deputados, ao partido trabalhista, 19 e ao nacionalista 18.

O general Smuts perdeu a sua eleição pelo círculo ocidental de Pretória, organizando um novo gabinete por uma coligação nacionalista e trabalhista a que presidirá o general Hertzog ou o coronel Cresswell.

IRLANDA

A rebelião no exército e as suas causas

DUBLIN, 18. — A comissão encarregada de investigar por motivos da rebelião do exército irlandês, publicou o seu relatório que era esperado com muita ansiedade. Contudo este relatório pouco acrescenta ao que já se conhecia. Mostram-se aí as ligações que os republicanos tinham com o exército e que aproveitaram o descontentamento causado pela desmobilização e pela selecção dos oficiais que ficariam no quadro permanente para provocar uma revolta que depois aproveitariam para os seus fins.

Domina a revolta essa selecção impropria para que o governo possa contar com um exército disciplinado e obediente ao governo constitucional e não duma força armada que se deva conformar a opinião política dos vários oficiais que comandam unidades.

O relatório da comissão censura o general Mulcahy ex-ministro da defesa por não ter exercido uma acção suficientemente enérgica e disciplinadora, e por não ter comunicado toda a marcha da questão ao governo e ao parlamento. O general Mulcahy é ainda censurado por ter evitado o castigo dos oficiais superiores do condado de Kerry e por não ter comunicado que tinha entrado em negociações com o general Tobin chefe dos insurrectos.

O relatório da comissão termina dando todas as responsabilidades do movimento aos oficiais superiores e absolvendo de qualquer culpa os oficiais de patentes menores.

A favor de «A Internacional»

Grande Passeio Fluvial à Vela da Azambuja

Com escala por Vila Franca de Xira

O Núcleo Sindicalista Revolucionário de Lisboa, resolveu promover para o dia 6 de julho uma excursão fluvial à Vela de Azambuja com escala por Vila Franca de Xira a favor do jornal «A Internacional».

Na Vela de Azambuja, no local «As Obras», realizar-se-á um picnic de confraternização.

Este passeio realizar-se-á na magnífica «gasolina» da Cooperativa dos Catrazeiros do Porto de Lisboa.

Em subsequentes notícias se darão todas as informações referentes ao horário de embarque e desembarque desta excursão.

O pedido de bilhetes e correspondência sobre este assunto, devem ser endereçados à comissão promotora, Calçada da Graça, 12, 1.º.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21,30 (9 1/2) — HOJE

GRANDE SARAU

Ginástico Equestre do

Ginásio Club Português

SENSACIONAL PROGRAMA

Vões à Leotard — Bi-triplo-trapézio

Jongagem, argolas, equitação, pesos, jogo de pau, dança, esgrima, classe infantil

PREÇOS POPULARES

GERAL 3\$00

FAUTEUILS 10\$50

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Pará se ocupar da situação de «A Batalha», devido às constantes apreensões que lhe são feitas, e outros assuntos pendentes, reúne hoje o conselho confederal, pelas 20,30 horas.

U. S. O.

Comissão administrativa

Reuniu ontem a Comissão Administrativa para se ocupar da questão dos presos e da apreensão de «A Batalha» tendo resolvido iniciar na próxima semana uma série de sessões públicas com carácter puramente popular em que será tratado o estado actual da sociedade sob o aspecto económico, político, jurídico, moral, etc., etc., para o que conta com a colaboração de individualidades embora não operárias, mas de reconhecido valor e sem distinção de credo político.

Do expediente constava um convite da Associação dos Empregados de Escritório para a nomeação de um delegado a uma sessão, sobre o caso de «A Batalha», que se realiza na próxima sexta-feira. Foi nomeado o secretário geral.

Tratou da questão do estabelecimento das câmaras Sindicais de Trabalho, para o que resolveu convidar a comissão elaboradora dos estatutos, nomeada na conferência Inter-sindical de Lisboa, a reunir na próxima terça, a fim de ser apreciada a última redacção dos mesmos.

Em seguida ocupou-se do estado da comissão central pró-presos, resolvendo convocar os componentes desta para reunirem na próxima segunda-feira.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa em conjunto com os membros eleitos no congresso para a futura comissão administrativa a fim de lhes ser dada a posse do seu mandato.

Federação dos Empregados no Comércio

Reúne hoje este Conselho, com a presença de todos os delegados para se tratar assuntos que demandam muita urgência.

Sindicato Único da Construção Civil

Reúne hoje este Conselho, com a presença de todos os delegados para se tratar assuntos que demandam muita urgência.

Sindicato de Belém

Reúne hoje extraordinariamente, pelas 21 horas, a comissão administrativa com a presença de todos os seus membros, para tratar de assuntos de grande interesse para esta secção.

Manipuladores de Pão

Convidam-se todos os camaradas que o possam fazer a ir ao sindicato amanhã, pelas 14 horas, a fim de levarem manifestos para serem distribuídos à classe.

Liga dos Oficiais da Marinha

Reúne hoje a Secção dos Oficiais Nauticos, hoje, pelas 16 horas, para exposição dos trabalhos efectuados e mais assuntos de interesse para a Secção.

Refinadores de Açúcar

Para apreciar o conflito com a Refinação Ultramarina, reúne esta classe, nada sendo resolvido em virtude do respectivo industrial se encontrar doente e a comissão não se poder avistar com ele.

Classe volta a reunir hoje, pelas 20 horas, a fim de apreciar os resultados dos trabalhos da comissão.

Condutores de Carroças

Reúne hoje, pelas 17,30 horas, na sua sede, rua Josefa de Obidos, 20, cave, a comissão administrativa para o próximo domingo, às 14 horas.

Pessoal do Depósito Central de Armamentos

Reúne no sábado a assembleia geral, pelas 17,30 horas, na sua sede, rua Josefa de Obidos, 20, cave.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Federação da Construção Civil

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa em conjunto com os membros eleitos no congresso para a futura comissão administrativa a fim de lhes ser dada a posse do seu mandato.

Sindicato de Belém

Reúne hoje extraordinariamente, pelas 21 horas, a comissão administrativa com a presença de todos os seus membros, para tratar de assuntos de grande interesse para esta secção.

Manipuladores de Pão

Convidam-se todos os camaradas que o possam fazer a ir ao sindicato amanhã, pelas 14 horas, a fim de levarem manifestos para serem distribuídos à classe.

Liga dos Oficiais da Marinha

Reúne hoje a Secção dos Oficiais Nauticos, hoje, pelas 16 horas, para exposição dos trabalhos efectuados e mais assuntos de interesse para a Secção.

Refinadores de Açúcar

Para apreciar o conflito com a Refinação Ultramarina, reúne esta classe, nada sendo resolvido em virtude do respectivo industrial se encontrar doente e a comissão não se poder avistar com ele.

Classe volta a reunir hoje, pelas 20 horas, a fim de apreciar os resultados dos trabalhos da comissão.

Condutores de Carroças

Reúne no sábado a assembleia geral, pelas 17,30 horas, na sua sede, rua Josefa de Obidos, 20, cave.

TEATRO APOLO

Ainda hoje

O comissário de polícia

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado, depois de muita trabalho efectivo sobre a prisão de Jaime Tiago, e depois deste ter pago no tribunal de pequenos delitos a quantia de 9500, ainda além de ter sido agredido e cobardemente por um grupo de indivíduos da Casa da Moeda, e ter sido remetido para a polícia de Segurança do Estado, conseguiu a libertação de mesmo em face da acusação que para ali o remedia não ser nenhuma.

Lembra este Secretariado aos indivíduos que tem alcançado a liberdade em resultado das «marchas» deste organismo o dever de o participar, pois acontece por vezes desconhecermos algumas libertações efectuadas.

Classes que reclamam

Operários Alfaiates

Tendo a secção dos industriais de alfaiataria resolvido conceder 20 e 30%, respectivamente ao pessoal interno e externo, sobre os preços que vigoravam em 1 de Abril como se pode provar por officio em poder deste sindicato, a direcção, na sua reunião, resolveu tornar público que os industriais — alguns — não cumpriram com esse compromisso, pois precisamente os industriais de maior categoria, porquanto os de pequena indústria são os que tem satisfeito.

Assim sendo dentro de pouco tempo publicar o nome das firmas que não querem saber de compromissos e ainda daquelas que procuram — por contas feitas a seu modo — fugirem ao cumprimento do que sancionaram por intermédio da sua secção.

Operariado desta indústria, a direcção aconselha a que não deixe de reclamar o que foi sancionado e a dirigir-se à sua associação comunicando todas as faltas que houver por parte dos industriais.

Lisboa na rua

Rendimentos dos operários

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada Angelo de Jesus, aprendiz de litógrafo, residente na rua Barão de Sabrosa, Vila Estefânia, 10, loja, que na Litografia de Portugal, na rua da Rosa, foi colhido pela envergadura de uma máquina, ficando com o braço direito fracturado.

Na enfermaria de Santo Onofre do mesmo hospital recebeu curativo António Castela, da 40 anos, marítimo, natural e residente em Lagos, que ontem na Ericeria, quando estendia uma rede de pesca, caiu da muralha fracturando a coluna vertebral.

Na mesma enfermaria deu entrada Alberto Barbosa, aprendiz de carpinteiro, residente na rua da Senhora do Monte, à Graça, 25, cave, que deu uma queda por uma clara-bola no edifício da Legação Inglesa, na rua de São Francisco Borja fracturando a perna direita.

Queda acastradas

Na enfermaria de Santa Emília, do hospital de São José, deu entrada Lúlia Julia Canedo, residente no Beco da Bica, 3, 1.º, a S. Miguel, que caiu da janela da sua residência à rua, ficando ferida na cabeça.

Na enfermaria de Santo Onofre, do mesmo hospital, deu entrada Artur Marques, de 25 anos, residente na rua Heliodoro Salgado, no Seixal, o qual, na fábrica de cortiça daquela localidade caiu de um andaime, ficando muito contuso nas costas.

VIDA ANARQUISTA

União Anarquista Portuguesa

Reúne hoje, pelas 19 horas, o Comité Nacional

ABASTECIMENTOS

Vai intensificar-se a pesca de arrasto?

Informam-nos de que vai ser publicado um decreto pelo ministério da marinha, autorizando a pesca de arrasto na zona das 100 braças também denominada de «risca», onde não é permitido pescar, segundo os actuais regulamentos marítimos.

Venda de generos de mercearia

Na feira livre da Praça do Brasil, começa hoje a venda de generos de mercearia empacotados, por conta do Comissariado dos Abastecimentos.

No mesmo local continua a venda de leite puro a 1800 o litro.

O sr. Comissário dos Abastecimentos

esteve ontem nos novos mercados de Estefânia e 24 de julho, escolheu legumes para a venda de generos alimentícios. A Câmara Municipal cedeu para esse fim 3 logares no primeiro dos referidos mercados e 2 no segundo.

SOLIDARIEDADE

Em Alpiarça foi aberta uma subscrição para custear as despesas do processo António Nunes Cunha que rendeu 200 escudos. Foi entregue a Cunha a quantia de 200 escudos devendo brevemente ser-lhe entregue a importância restante.

A Comissão Administrativa

CRÓNICA DO PORTO

A vida são dois dias

A festa do Senhor da Pedra — Viva a pândega! — Vive-se num regime ideal...

PORTO, 16. — Dias felizes os de ontem e de hoje. A impressão que predomina dentro do nosso espírito, é a de que houve uma profunda remodelação no sistema social capitalista, dando-se, como na grande Revolução de 1793, uma benemérita escusa de privilégios burgueses...

E' certo que se não ouviu um tiro, a não ser um ou outro bombardeio de foguete no ar; não presenciámos a mais ligeira refrega; a não se viu uma ou outra alteração, logo de pronta sanção, entre duas ou três criaturas que se pisaram os calos na pressa de correrem ao bródio festivo...

Mas se não houve luta sangrenta para a proclamação ruidosa da felicidade de hoje, assistimos, pelo menos, a manifestações espontâneas da multidão em pândega desenfreada.

As explosões de alegria popular repletam-se de um cunho verdadeiramente extraordinário. Não se estava na cidade do Porto ou Vila Nova de Gaia; estava-se na cidade do Futuro: Os grupos, impados no seu contentamento comunicativo, não iam a caminho duma romaria, «marchavam», pelo contrário, no encontro de um edem social esplendidamente organizado...

Nunca vimos a multidão tão satisfeita, tão radiante, tão paternalmente vivaz no seu júbilo interior e exterior.

Ranchos de raparigas adolescentes e adultas, misturados de moços divertidos, lá «pinotavam» nas suas acastanhadas danças, à volta duma bandeira desfilada ao vento e ao som seco dos tambores «ramboescos»...

E nós julgávamos ver naquilo a caminhada revolta das mulheres sobre as Versalhes da exploração estatal, industrial e comercial — em busca da «família real» da tirania exactora dos municípios ou poder central...

Entretanto, para onde se dirigiam os magotes de povo em grita cantolante, era para o tal senhor da Pedra, grande ou pequenino, no encargo de toda a sorte de veículos, enfeitados de galhardetes, bandeirinhas e tranças de ramaria, que, em cortejo porfiado, conduziam famílias inteiras... Não chegavam os combóios extraordinários de meia em meia hora...

A Escola Industrial de Tomar está em risco de desaparecer

Quando na nossa última estada em Tomar, por ocasião do IV Congresso da Construção Civil, visitámos a Escola Industrial «Jacome Ratton».

Esta Escola tem tomado um grande desenvolvimento nos últimos anos, graças a actividade do seu actual director, segundo informações ali colhidas.

Assim, há cinco anos, tinha pouco mais de uma dezena de alunos, e no último ano contava uma frequência de 114, havendo presentemente uns 72 com bom aproveitamento.

Em virtude do tal progresso e reconhecendo-se a necessidade de criar algumas oficinas, como carpintaria, serralharia, etc., para uma mais perfeita educação profissional dos alunos, estes deliberaram nomear uma comissão de cinco membros que em Novembro do passado ano veio a Lisboa junto do director geral pedir a concessão dessas oficinas.

O director geral foi a Tomar tratar do assunto, realizando algumas «demarques» com o senhorio do prédio onde se achava instalada a Escola, ficando assente fazer-se uma escritura da casa para instalações das oficinas.

Dias depois o director da Escola procurou o senhorio a fim de que a escritura se fizesse, mas o senhorio, esquecendo-se da combinação anterior com o director geral, respondeu não poder ceder a casa em virtude de haver quem lhe oferecesse mais mil escudos, e assim desaparecia a esperança de se instalarem as oficinas.

Meses passados, o senhorio vendeu a casa, e o novo proprietário, por meio de influências políticas, pretende desalojar a Escola do prédio, pretextando também ser a casa para as filhas que se vão casar. Tem-se chegado a oferecer determinadas quantias ao director da

Escola para que este não oponha obstáculos, mas o director tem repudiado tais ofertas como atentatórias da sua dignidade.

O desejo do novo proprietário não é já ficar com todo o prédio, mas pretende tirar-lhe as melhores dependências que possui, de maneira que fica sem condições algumas, quando afinal ainda mais dependências eram necessárias para o seu desenvolvimento.

Os alunos ainda nomearam uma comissão de três membros para entrevistar o ministro do comércio, trazendo consigo mais de 500 assinaturas de pessoas de Tomar que protestam contra o caso.

A comissão, depois de regressar de Lisboa, foi convidada pelo dr. Madureira, que mais tem procurado influir no sentido do desalojamento da Escola do actual edifício, para lhe expor o que se passava entre ele e a Escola, resultando da conferência os alunos não concordarem com a exposição do mesmo doutor.

Succede agora que a própria direcção geral está disposta a conceder ao proprietário as dependências referidas, prejudicando assim a Escola, os alunos que nela se educam e instruem e as classes trabalhadoras de Tomar que tinham ali um admirável instituto para o seu desenvolvimento intelectual e profissional.

Em vez de se procurar a criação de novos elementos para a educação do povo, roubam-lhes os poucos que já possuem.

¿Não haverá alguém que se jaze capaz de evitar que tal crime se pratique?

Trabalhadores:

LEDE «A BATALHA»

TEATROS & CINEMAS

Teatro da Trindade

Reparação de Alves da Cunha em «O papá Lebonnard»

«O papá Lebonnard» de Aicard é uma mixórdia pretensamente conceituosa com uma outra cena versátil, com um ligeiro motivo de conflito filosófico, que o autor mal desenhou porque o assunto não é dos mais fáceis de tratar. «O papá Lebonnard» teve o acaso feliz de ser favorecido pela interpretação de grandes nomes da cena mundial, dos quais o mais relevante foi Novelli, que a Lisboa o trouxe incluído no seu repertório.

Pode-se mesmo dizer que foi este grande actor que criou o papel de velho relojoeiro, cuja origem do povo tanto o ufana e lhe dá razão atávica quando se manifesta somente na única filha que tem, que é o mais perfeito contraste de temperamento comparado com o irmão que o é somente por sua mãe, porque, filho adulterino, a sua progénie por linha de varonia é da nobreza preconceituosa e rígida de certos princípios falsos que ainda hoje norteiam certas seitas nobiliárquicas que se vêm arremedados pelos burgueses que a Democracia atirou para a liça da alta representação social!

Alves da Cunha, ultimamente tão pouco fadado ao êxito, nas empresas teatrais em que o seu nome teve êxito, monetariamente e até pela escôla das peças, teve agora o levitativo de tantas noites infrutíferas, quando os estrondosos aplausos que a assistência do Trindade lhe prodigalisou, com uma veemência com uma ruidosa exuberância, que em teatro, somente se dá quando o trabalho dum artista se pode classificar de grande. Alves da Cunha foi grande em tudo o que o papel lhe impunha, na pormenorização que o olhar, o gesto, a máscara, o andar acertaram com uma preciosa exactidão; na gradação vocal absolutamente nivelada com a intensidade das frases, numa palavra Alves da Cunha foi inteiro de perfeição, não deixando escapar uma minúcia, não perdendo uma atitude, não vacilando numa observação por muito subtil que pudesse ser.

Com tal interpretação chega a ser inacreditável que, de futuro, o público não o vá admirar eficientemente num papel que até pelo perigo do confronto, o torna mais extraordinário ainda no seu valor.

Berta de Bivar diligenciou fazer com a maior naturalidade o seu papel, mas por muito que conseguisse, esteve um tanto longe do que ele é, pela simples razão de não lhe estar a carácter.

Alda Verdial digna de nota pela vontade que revelou em mostrar-se à vontade num papel que também não assentava no seu felício cenário. Henrique Alves marcou com simplicidade e arte o pa-

pel de médico, dando-lhe a nota de severa tristeza que o caracterizava. Mário Pedro, elegante, mas sem fogo nas palavras e com uma maneira de olhar que nem sempre condizia com os momentos em que a emoção mais devia assinalá-la.

Os outros artistas regularmente. Nogueira de BRITO

Os dois garotos

Os ensaios do pitoresco drama de Decourcelle, «Os dois garotos» prosseguem no Nacional de dia e de noite para depois de amanhã se inaugurar a época de verão.

O sétimo quadro, aquele que representa «O fuzil da Ponte de Austerlitz», onde se dá o rompimento da represa é de soberbo efeito.

O papel da «Condessa Helena» criada entre nós pela ilustre artista Amélia Vieira, vai ser interpretado pela actriz Maria Pia; Claudio, o enfeitado garoto que Júlia de Assunção fez em Lisboa e no Brasil, por Ester Leão; «Fanfano» feito por Rosa de Oliveira, actualmente no Brasil e retirada de scena, por Ilda Stichini e «Kergor», representado por Ernesto do Vale, será agora desempenhado por Luis Pinto.

Recêlamos

Noite de vibrante entusiasmo vai ser a de hoje, em S. Carlos, onde, em récita da moda reaparece a emocionante peça de Bernstein, «Depois de Mim...» (Après moi...) cuja brilhantíssima carreira foi, forçosamente, interrompida.

A hilariante comédia «O Comissário da Polícia» atraiu ontem enorme concorrência ao Apolo, onde hoje se repete, retirando da scena, definitivamente, esta semana, para se realizar a «represa da encantadora peça dos Quinteiros «A Malvalouca».

Reúnem-se todos os dias imensas senhoras que, tendo assistido à exibição dos dois episódios do «Diamante Verde», vão ouvir o concerto, beber algumas de chá e conversar para a luzosa e vasta sala do restaurante Olimpia, que é o único cinema que em Lisboa dispõe de tão grande melhoramento, para depois de ligeiro interregno, irem assistir às comédias hilariantes com as «Travessuras infantis»; «Força de Amor», etc., etc., que este cinema está exibindo.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21 — «Depois de Mim...»
TRINDADE — A's 21 — «Papá Lebonnard»
POLITEAMA — A's 21,30 — «Guerra em tempo de paz»
APOLO — A's 21 — «Malvalouca»
EDEN THEATRO — A's 21,45 — «Fruto Proibido»
AVENIDA — A's 21,30 — Paris
MARIA VITORIA — A's 22,45 e 22,45 — Res Vés.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,15 — GILVICENTE — A's 21 — «Dois Sargentos»
OLIMPIA — A's 20,30 — «Amatograto»
SALAO FOZ — A's 14,30 e 20,30 — Varietês
CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Amatograto.

Todos bebem e todos gostam do magnifico refrigerante Centazzi, fabricação de A. CENTAZZI, L.^{DA}

Diuretico e estomacico
Pedir em toda a parte

Antonio Braga

IMPORTAÇÃO DIRECTA
Ferragens, Ferramentas e Cutelarias
ADORNOS PARA MOVEIS
Preços baratos

Rua da Rosa, 131 a 135 — Travessa dos Inglezinhos, 24 e 26

A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

Guimarães

O Congresso da Construção Civil

GUIMARÃES, 16. — O Sindicato dos Operários da Construção Civil reuniu ontem em assembleia geral extraordinária para apreciar o relatório do delegado ao Congresso de Tomar.

A assembleia decorreu serena e com a máxima atenção da parte dos assistentes ficando convocada outra assembleia para domingo, 22, às 10 horas, para serem apresentados pelo mesmo delegado os restantes trabalhos.

Os descaramentos dos políticos

Nos tempos da «omissão» tratava-se aqui da construção de uma cadeia, o que lhe deu margem aos políticos, senhores hoje da situação, na propaganda do «batalha» a pataco, se aproveitarem de guerras a cadeia apregoando a Liberdade, afirmando que o que era preciso fazer era o bairro operário. E assim, acrescentavam, uma vez senhores dos destinos do país, o bairro operário seria a primeira obra a pôr em prática.

Afinal, até à data, só falou no bairro operário em vésperas de eleições para ludibriar os papalvos, mas lá andam a acabar a construção da cadeia que noutro tempo guerreavam. Não largaremos mão do assunto. — C.

Manejos reaccionários

GUIMARÃES, 16. — Como na vizinha cidade de Braga, Guimarães é, por excelência, hoje, uma delegação do Vaticano. A reacção católica, aliada a esta república clerical, julgando um grande crime os operários não se importarem com as doutrinas hipócritas como sejam as jesuítas, vi, que por todas as formas ao seu alcance, inventam coisas para chamar a atenção daqueles que merecem do tempo que decorrem e do Progresso se vão competendo com a Igreja e simplesmente e nada mais um repente balcão de negócios onde se explora a consciência dos trabalhadores.

Desde janeiro último até à data que o proletariado desta cidade vem assistindo a uma acérrima propaganda reaccionária feita por monárquicos-católicos.

Eis que nos aparece agora, para honra dos miseráveis que nos governam, um pequeno regimento de pau e corda denominado corpo de «scouts» católicos, que além do veneno que os dirigentes infiltram no espírito das crianças que com o dito corpo, que são de 5 a 16 anos, os levam am-

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única pedra legada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor isqueiro e que tem maior duração.
Dizão 60 centavos (custado com as imitações)
Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rodinhas, tubos, pios e tijolos, aos melhores preços para revenda.
Pedras a
CARLOS A. SANTOS
Depósito: Rua do Arsenal, 30 — LISBOA

Ourivesaria - Joalheria

SANTOS CATITA, L.^{da}
Rua Eugénio dos Santos, 44
Rua da Boa Vista, 22

Grande sortido em cordões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei.

Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodinhas, tubos, pios e tijolos, aos melhores preços para revenda.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em melhores condições).

LIMAS

As melhores são as da União. Todas as peças de Limas — Pedras em todas as lojas de derreterias. Rivalland em preços está na

Covilhã

O jornal sindicalista o «Trabalho» apreendido por atacar imoralidades!

COVILHÃ, 17. — Quando veio a esta cidade o ministro do Interior, mal sabíamos de que alguém na sombra pretendesse mais uma vez que o operariado da Covilhã fosse vilipendiado e escurado aos pés de José Vicente Barata.

Um grupo de honrados comerciantes, ou a direcção da associação desta classe de exploradores, conferenciando com Sá Cardoso, pediram-lhes que o delegado do governo, capitão Castilho, fosse substituído pela figura que acima apontámos.

Cova da Piedade

COVA DA PIEDADE, 16. — Vámos mais uma vez referir-nos à exploração exercida pelos mestres de obras, aos operários da Construção Civil desta localidade.

Encontrámos, há dias, um operário da Construção Civil, que nos contou as mais esquisitas e até revoltantes coisas a respeito da exploração exercida sobre os operários pelos mestres de obras.

Há mestres que não pagam a tabela do Sindicato que é a seguinte: serventes, 18000; carpinteiros, 22000; pedreiros, 20000; ao passo que alguns mestres que noutros tempos, se diziam camaradas, são hoje aqueles que mais exploram e que pagam ao servente, 12000; ao carpinteiro, 18000; ao pedreiro, 16000; isto enquanto a carestia da vida vai subindo, dia a dia. Aqui já se paga o azeite a 6800, as batatas a 1200 e o bacalhau a 9500.

Então é possível que os operários se deixem assim explorar, tão descaradamente?

E' possível que eles consentam sem um protesto geral, que o seu salário seja diminuído dessas importâncias, em benefício do patrão e dos mestres?

Os operários que relikam no que está succedendo, e procurem dar-lhe remédio pois, se não pode admitir a atitude dos mestres, menos se pode conceber o estado de passividade das vítimas, que não têm o direito de emancipar-se.

A burguesia deste maldito torrão juntamente com os tais cabos da guarda republicana, Armando e Alcobia, e o tal sr. Rita mestre do hiate, não deixam de perseguir o operário Pelágio Augusto Moreira, por este ser um amigo da organização operária e por ele tem trabalhado bastante e por condegar os que a têm traído como o sr. Rita e outras.

Para se ocupar deste importante assunto, reuniu em assembleia geral, extraordinária o Núcleo da Juventude Sindicalista desta localidade, na qual foi apro-

Grande 'complot'

Meia Lisboa reúne na ALFAIATARIA MODELO, Lda. na rua 1.ª de Dezembro, 15 e 17, para fazer fatos no rigor da moda, pois à testa do corte está um dos sócios, que bastante conhecedor do «metier» soube conquistar uma grande clientela.

Uma visita a esta casa impõe-se.

MENSTRUAÇÃO

Usem Ferri-Apiol

MEDICAMENTO de uma acção rápida e segura em todos os casos de desaparecimento das regras menstruais. O único que garante ser inteiramente inofensivo. Preço 15000; pelo correio mais 1000. Depósitos: Costa, Costa & Cunha, Lda., Largo D. Estefânia, 4 e 5 — Lisboa.

LIMAS

As melhores são as da União. Todas as peças de Limas — Pedras em todas as lojas de derreterias. Rivalland em preços está na

Deposito: Rua do Arsenal, 30 — LISBOA

CAMBIO

Países Moedas Ao par Com. Venda
Alemanha Marcos 4225 — —
Austria... 100,1 — —
Belgica... Francos 117,8 1.651 1.000
Espanha... Pesetas 117,8 44748 44788
E. U. A. Dolares 482,4 35630 35650
França... Francos 117,8 18003 1.948
Holanda... Florins 537,2 158203 158200
Inglaterra Libras 4630 1088000 1734000
Italia... Liras 417,8 18250 18250
Suica... Francos 117,8 8250 8250

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos Dias
«Gelria», portos do Brasil e Argentina... 19
«Mosela», Southampton, Rotterdam e Hamburgo... 21
«Ussamano», para Liverpool... 24
«Wagoni», Leixões, Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam... 25
«Iberia», para Bremen... 27
«Evan», portos do Brasil e Argentina... 29
«Crefeld», portos do Brasil e Argentina... 30
«Beira», para os portos da Africa Oriental... 30

EM JULHO

«Africa», portos da Africa Oriental.

Este estrangeiro que traja vestes sacerdotais sem ser padre, fará a desgraça da nossa casa... A tempestade parece crescer desde que ele aqui entrou...

Descansar o coração duma mãe é impossível; e por isso o avô não o procurou fazer. Vão para a mesa, bebem e comem; o bufarinheiro também bebe e come como homem a quem o andar fez criar bom apetite.

— E que se passa em Paris? perguntou Aram.
— O que eu vi de mais satisfatório nessa cidade foi a morte do rei dos malditos francos!

— Ah! com que então morreu-lhes o rei?
Há mais de dois meses... no dia 25 de Novembro do ano passado, do ano 512 da Incarnação do Verbo, como dizem os bispos que abençoaram e enterraram esse assassino coroado, de quem os ossos apodreceram na basilica dos santos apóstolos de Paris.

— Ah! com que então morreu o rei dos francos! Como se chamava ele?

— Um nome do diabo! chamava-se Hlode-Wig. Parece que falta o ar a gente quando o quer pronunciar... Tu dizes...

— Hlode-Wig... Sua mulher, a quem chamam rainha, visto ter ele sido rei dos francos, sua mulher não lhe cabe, felizmente, menor partilha; chama-se Chro-techild... e os seus quatro filhos, Chlotachaire, Theudeber e...

— Basta, amigo... Leve o diabo esses nomes selvagens! aqueles que os usam são dignos deles sem dúvida.

— Podes julgar de todos pelo defunto rei Clovis... e a sua raça ainda promete... Figura tu, reunidos naquele monstro, que São Remigio baptizou filho da igreja católica, figura tu o estrategema da raposa, junto à cobarde ferocidade do lobo... Nomear-te os assassinos que ele cometeu às facadas ou a golpes de acha de armas, seria muito longo...; citar-te-i os mais salientes... Um antigo chefe franco, um côxo, chamado Sigeberto, era rei de Colônia... Assim é que aqueles bandidos se fazem reis: assaltam e assolam uma província à frente do seu bando, matam ou ven-

dem como se fôra gado, homens, mulheres e crianças, e reduzem os outros habitantes ao captivo; depois dizem: «Nós somos reis daqui». Os bispos repetem: «Sim, os amigos francos são reis daqui: nós os baptizamos em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo... Obedece-lhe, povo das Gálias ou nós te condenaremos às penas eternas...»

— E não haverá um homem, um homem! que crave um punhal no peito desse rei?

— Haradeuk, meu predilecto, não te enfureças desse modo. Graças ao deuses, esse Clovis morreu; é um de menos. Continua, meu valoroso viajante.

— Como ia dizendo, Sigeberto, o côxo, era rei de Colônia; tinha um filho Clovis disse-lhe: «Teu pai está velho... mata-o, porque tu herdarás dele». O filho, verdadeiro franco como era, acha o conselho óptimo, e mata o pai. Que faz Clovis? manda matar o parricida e apodera-se do reino de Colônia.

velhote, os assassinos, os fraticídios e os incestos dos reis e dos senhores fidalgos, dão mais soldos de ouro a esses bispos, do que as terras que vocês possuem, fecundadas pelo seu pesado trabalho cotidiano, honrados trabalhadores, lhes rendem em dinheiro. Mas ouçam a última peça do devoto rei Clovis... Tinha degolado o seu filho Clovis... Tinha degolado o seu filho Clovis... Tinha degolado o seu filho Clovis...

— E não haverá um homem, um homem! que crave um punhal no peito desse rei?

— Haradeuk, meu predilecto, não te enfureças desse modo. Graças ao deuses, esse Clovis morreu; é um de menos. Continua, meu valoroso viajante.

— Como ia dizendo, Sigeberto, o côxo, era rei de Colônia; tinha um filho Clovis disse-lhe: «Teu pai está velho... mata-o, porque tu herdarás dele». O filho, verdadeiro franco como era, acha o conselho óptimo, e mata o pai. Que faz Clovis? manda matar o parricida e apodera-se do reino de Colônia.

— E não haverá um homem, um homem! que crave um punhal no peito desse rei?

— Haradeuk, meu predilecto, não te enfureças desse modo. Graças ao deuses, esse Clovis morreu; é um de menos. Continua, meu valoroso viajante.

— Como ia dizendo, Sigeberto, o côxo, era rei de Colônia; tinha um filho Clovis disse-lhe: «Teu pai está velho... mata-o, porque tu herdarás dele». O filho, verdadeiro franco como era, acha o conselho óptimo, e mata o pai. Que faz Clovis? manda matar o parricida e apodera-se do reino de Colônia.

— E não haverá um homem, um homem! que crave um punhal no peito desse rei?

— Haradeuk, meu predilecto, não te enfureças desse modo. Graças ao deuses, esse Clovis morreu; é um de menos. Continua, meu valoroso viajante.

— Como ia dizendo, Sigeberto, o côxo, era rei de Colônia; tinha um filho Clovis disse-lhe: «Teu pai está velho... mata-o, porque tu herdarás dele». O filho, verdadeiro franco como era, acha o conselho óptimo, e mata o pai. Que faz Clovis? manda matar o parricida e apodera-se do reino de Colônia.

— E não haverá um homem, um homem! que crave um punhal no peito desse rei?

— Haradeuk, meu predilecto, não te enfureças desse modo. Graças ao deuses, esse Clovis morreu; é um de menos. Continua, meu valoroso viajante.

— Como ia dizendo, Sigeberto, o côxo, era rei de Colônia; tinha um filho Clovis disse-lhe: «Teu pai está velho... mata-o, porque tu herdarás dele». O filho, verdadeiro franco como era, acha o conselho óptimo, e mata o pai. Que faz Clovis? manda matar o parricida e apodera-se do reino de Colônia.

captivo, digo, que os que precisam ser perseguidos de um ódio implacável são os bispos!... Por ventura não foram eles que chamaram os francos a Gália? não baptisaram esse assassino coroado filho da Igreja de Roma? não trataram de beatificar esse monstro debaixo do nome de São Clovis? não disseram, eles, gu-lizes, falando desse saltador, desse algoz: «O rei Clovis, que confessou a INDIVISIVEL TRINDADE, dámina os herejes PELA PROTECCAO QUE ELA LHE PRESTA, e estende o seu poder em toda a Gália? Não disseram também eles, sacerdotes de Cristo, falando dos assassinos e dos fraticídios desse rei: «Todos os dias fazia Deus por este modo cair os inimigos de Clovis em seu poder, e estendia o reino dele, por que Clovis CAMINHAVA COM UM CORAÇÃO PURO na sua presença, e fazia o que era agradável AOS OLHOS DO SENHOR?»

Deuses do céu! será isso loucura, monstruosidade ou cobarde terror nos sacerdotes? não sei; mas espantame ouvir tais coisas...

— E' ambição feroz e cubica forçada, bom velhote. Os bispos aliados aos imperadores, desde que a Gália se tinha tornado provincia romana, conseguiram pelo seu estrategema e pertinácia habitual, ser dotados magnificamente, tanto eles como as suas igrejas, e ocupar as primeiras magistraturas das cidades. Isto não lhes bastou: esperaram dominar melhor os francos esturpidos e bárbaros do que os romanos civilizados... Que fizeram então? traíram os romanos e chamaram os francos com todos os seus desejos, com todo o seu amor. Os francos vieram, a Gália foi assolada, saqueada e subjugada; e os bispos partilharam os seus despojos com os conquistadores, a quem bem depressa dominaram pelo estrategema, metendo-lhes medo com o diabo... Eis pois, esses devotos homens com vezes mais poderosos e mais ricos no tempo da dominação franca do que no tempo da dominação romana, fazendo o leilão da velha Gália de acordo com os bárbaros, e graças a eles, possuindo imensos dominios, riquezas de toda a sorte, numerosos escravos, escravos tão bem

captivo, digo, que os que precisam ser perseguidos de um ódio implacável são os bispos!... Por ventura não foram eles que chamaram os francos a Gália? não baptisaram esse assassino coroado filho da Igreja de Roma? não trataram de beatificar esse monstro debaixo do nome de São Clovis? não disseram, eles, gu-lizes, falando desse saltador, desse algoz: «O rei Clovis, que confessou a INDIVISIVEL TRINDADE, dámina os herejes PELA PROTECCAO QUE ELA LHE PRESTA, e estende o seu poder em toda a Gália? Não disseram também eles, sacerdotes de Cristo, falando dos assassinos e dos fraticídios desse rei: «Todos os dias fazia Deus por este modo cair os inimigos de Clovis em seu poder, e estendia o reino dele, por que Clovis CAMINHAVA COM UM CORAÇÃO PURO na sua presença, e fazia o que era agradável AOS OLHOS DO SENHOR?»

Deuses do céu! será isso loucura, monstruosidade ou cobarde terror nos sacerdotes? não sei; mas espantame ouvir tais coisas...

— E' ambição feroz e cubica forçada, bom velhote. Os bispos aliados aos imperadores, desde que a Gália se tinha tornado provincia romana, conseguiram pelo seu estrategema e pertinácia habitual, ser dotados magnificamente, tanto eles como as suas igrejas, e ocupar as primeiras magistraturas das cidades. Isto não lhes bastou: esperaram dominar melhor os francos esturpidos e bárbaros do que os romanos civilizados... Que fizeram então? traíram os romanos e chamaram os francos com todos os seus desejos, com todo o seu amor. Os francos vieram, a Gália foi assolada, saqueada e subjugada; e os bispos partilharam os seus despojos com os conquistadores, a quem bem depressa dominaram pelo estrategema, metendo-lhes medo com o diabo... Eis pois, esses devotos homens com vezes mais poderosos e mais ricos no tempo da dominação franca do que no tempo da dominação romana, fazendo o leilão da velha Gália de acordo com os bárbaros, e graças a eles, possuindo imensos dominios, riquezas de toda a sorte, numerosos escravos, escravos tão bem

captivo, digo, que os que precisam ser perseguidos de um ódio implacável são os bispos!... Por ventura não foram eles que chamaram os francos a Gália? não baptisaram esse assassino coroado filho da Igreja de Roma? não trataram de beatificar esse monstro debaixo do nome de São Clovis? não disseram, eles, gu-lizes, falando desse saltador, desse algoz: «O rei Clovis, que confessou a INDIVISIVEL TRINDADE, dámina os herejes

